

A prática jornalística e as religiões

*A religião mexe
com coisas muito profundas
da pessoa.
Naturalmente,
quando estão em jogo
essas questões
é mais difícil,
é mais delicado falar.
Tratando-se
das convicções íntimas
de cada um,
é preciso mais cuidado,
mais sensibilidade,
mais rigor.*

Sarsfield Cabral

*Jornalista
Rádio Renascença*

Esta questão, a prática jornalística e as religiões, não tem nada de muito especial em relação à prática jornalística em geral – ao jornalismo e a política, o jornalismo e a economia, o jornalismo e a cultura, etc. As religiões são fenómenos humanos, são fenómenos sociais. Como tal, são factos que podem e devem ser objecto de notícia.

Mas há jornalismo bom e jornalismo mau. Também em relação às religiões temos de contar com o jornalismo competente e o jornalismo pouco competente. Julgo que uma das boas evoluções do jornalismo português nos últimos 15/20 anos foi passar a haver jornalistas especializados. Temos, aqui, dois jornalistas especializados em assuntos de religião e é evidente que um jornalista como qualquer um deles não dirá as asneiras que poderá escrever uma pessoa que nunca tenha tratado dos assuntos religiosos.

Tenho a experiência da área económica, pois fui o primeiro jornalista português que se especializou em economia. Agora há dezenas e ainda bem. Não havia há 30 anos, quando eu comecei a ser jornalista económico. Nessa altura, no meio jornalístico era considerado até um bocado estranha e contra o espírito do jornalismo a minha especialização. O jornalista, dizia-se, era por natureza um generalista, tratava de tudo. Quando, no *Diário Popular* em Outubro de 1972, fui tratar só de questões económicas, houve reacções negativas

De então para cá, e nesse aspecto, tem havido uma evolução positiva. É bom que a TSF, o *Público*, o *Diário de Notícias*, o *Expresso*, tenham redactores especializados em questões religiosas. A Rádio Renascença também tem, naturalmente. Mas há outros “media” que não os têm, talvez

por seguirem um outro tipo de jornalismo, que eu chamaria jornalismo “tablóide”, mais sensacionalista, e, na minha opinião, menos bom. Muitos preferem o escândalo – por exemplo, tudo o que sejam escândalos sexuais com padres. Não estou a dizer que tal assunto não seja, por vezes, uma notícia importante. O que se tem passado, por exemplo, nos Estados Unidos e noutros países, nos casos de pedofilia envolvendo padres é um assunto relevante. Só que há maneiras sérias de o tratar e maneiras menos sérias. Na imprensa americana encontramos exemplos de como se pode tratar seriamente estes assuntos. Por cá, é frequente vermos um telejornal abrir com o povo de uma qualquer freguesia contra o padre, por não quer fazer a procissão ou porque o padre está a viver com uma senhora. É o mau jornalismo.

De facto, não encontro nada de muito específico na relação entre jornalismo e religião. Claro que a religião mexe com coisas muito profundas da pessoa. Naturalmente, quando estão em jogo essas questões é mais difícil, é mais delicado falar. Tratando-se das convicções íntimas de cada um, é preciso mais cuidado, mais sensibilidade, mais rigor.

E em Portugal, como em muitos países do sul da Europa, há uma tradição de anticlericalismo, e também de “proclericalismo”, que faz da religião um assunto político. Felizmente, essa tradição também vai desaparecendo. Na nossa primeira república, a questão religiosa era talvez a principal questão política do país. Hoje em dia, parece que já não é, felizmente.

Assim, não vejo a diferença de fundo em relação aos outros tipos de jornalismo, os que tratam de educação, de ensino, de saúde, de economia. Se o jornalismo for competente em Portugal, o catolicismo pode ser relativamente bem tratado, apesar haver ainda certos estereótipos que vêm do passado.

Importa aliás, falar nas outras religiões que não a católica; certamente que se diz muita asneira porque se sabe pouco delas. O António Marujo e o Manuel Villas-Boas, por exemplo, decerto que sabem muito mais da religião católica do que doutras religiões, sobretudo, por exemplo, do Islão. O Islão foi afectado desde o 11 Setembro por uma certa onda de rejeição do Ocidente. Com alguma justificação até certo ponto, mas sem justificação a partir desse ponto. Há uma ignorância enorme sobre o Islamismo. Ora os jornalistas, pelo menos em alguns jornais, contribuíram para dar uma visão um pouco mais correcta do que ele é. Promoveram-se vários debates nos “media” em Portugal (por exemplo, na Rádio Renascença), nomeadamente debates com sheik Munhir, da comunidade islâmica portuguesa, e com pessoas de outras religiões, sobre esses problemas.

Mas admito que haja religiões minoritárias em Portugal que tenham especiais razões de queixa da ignorância dos jornalistas e da maior parte dos órgãos de comunicação. Estive há uma semana num colóquio, em Viena, sobre a Europa e o Mediterrâneo onde participaram muitos jornalistas e escritores árabes. Ora uma boa parte dos jornalistas vindos de países como Marrocos, Argélia, Jordânia e outros, eram mulheres, coisa que me espantou. Afinal, as mulheres não são em vários países árabes tão postas de lado como eu pensava...

A cultura jornalística melhorou, entre nós, nos últimos anos. Mesmo assim, há muita gente que se queixa de que os jornais dão uma visão destorcida dos problemas, só tratando daquilo que realmente não interessa e não percebendo as mensagens. Ora bem, esse tipo de queixas eu já o ouvi a dezenas de grupos profissionais. Por exemplo, os médicos cardiologistas dizem: nós temos um problema com a Imprensa, pois quando falamos de certas coisas, os “media” fazem notícias sensacionalistas e as pessoas assustam-se; outras vezes, falamos de certos medicamentos que podem melhorar a vida das pessoas e os “media” dão a ideia, falsa, de que está ali a salvação. Participei recentemente num encontro entre médicos e jornalistas para debater incompreensões mútuas.

Com a Igreja é a mesma coisa. Isto tem a ver com a competência profissional dos jornalistas mas também com a capacidade de abertura das instituições, neste caso da Igreja

Católica e das outras igrejas, que são mais pequenas e que terão naturalmente mais dificuldades.

Por último, algumas palavras sobre a Rádio Renascença. A Renascença não é perfeita, evidentemente, mas conseguiu, em particular na área da informação (que conheço melhor), um razoável grau de êxito. A Rádio Renascença transmite uma informação bastante independente. Todos os problemas são abordados, desde que tenham relevância jornalística: não há tabus. E tanto se ouve o Partido Comunista como partidos de direita. Naturalmente, a Renascença tem os seus pontos de vista, é uma rádio confessional, católica, algo que não esconde. Ora, a coisa pior dos meios de comunicação é quando não são transparentes, na propriedade do seu capital e nas suas opções de fundo. A Renascença é uma rádio católica, que tem cumprido bem o seu papel, desde logo no diálogo ecuménico.